

Revista do Arquivo Público Mineiro

Ensaio

Júnia Ferreira Furtado



Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial



Ao conciliarem a prática de uma medicina empírica com a ensinada nos tratados científicos, os cirurgiões-barbeiros em atividade na região das Minas, durante o período colonial, consolidaram uma nova e original forma de saber médico.

> A numerosa população das Minas Gerais serviu, ao longo do século XVIII, de fértil laboratório para a observação médica. E, ao contrário do ocorrido nos séculos anteriores no Brasil, os tratados médicos redigidos sobre a experiência adquirida na capitania do ouro não foram escritos por médicos formados, mas sim por cirurgiões, ou cirurgiões-barbeiros. Homens práticos, eles aliavam a arguta observação dos casos que assistiam à medicina erudita apreendida nos livros e, dessa mescla, produziam um novo conhecimento que oscilava entre o popular e o erudito. Seus livros, marcados pela empiria dos casos que assistiam, estão recheados de descrições das diversas mazelas que acometiam a população e do arsenal de medicamentos de que dispunham para a cura.

Contrariando a especialização das funções definida na legislação sobre a prática da medicina no mundo português, esses cirurgiões faziam prognósticos e curas, teciam teorias sobre as doenças e receitavam medicamentos – todas atribuições exclusivas dos médicos –, e até produziam os próprios remédios – atividade esta restrita aos boticários. Serviam-se não só dos medicamentos tradicionais, que com muito custo chegavam às serras mineiras depois de uma longa travessia marítima, como também das ervas que a natureza local dispunha, cujos usos aprendiam, muitas vezes, com os índios e os mestiços.

Em relação a uma medicina mais popular e prática, destacam-se Luís Gomes Ferreira, que redigiu o *Erário Mineral* (1735), José Antônio Mendes, autor do *Governo de Mineiros* (1770) e José Cardoso de Miranda, que escreveu *Relação cirúrgica, e médica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbútica* (1741) e *Prodigiosa Lagoa descoberta nas congonghas das minas do Sabará* (1749). Os quatro livros foram resultado da prática que esses cirurgiões adquiriram realizando diversas curas na área aurífera recém-descoberta no interior do Brasil – as Minas Gerais.

Em busca do ouro

No início do século XVIII, o cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira, como muitos outros portugueses, veio para as Minas Gerais atraído pelas descobertas auríferas. Os ganhos pecuniários oriundos da ocupação e a falta de médicos na região levaram-no a continuar a exercer seu ofício pois, em "tão remotas partes, que hoje estão povoadas nestas Minas, aonde não chegam médicos, nem ainda cirurgiões que professem a cirurgia, por cuja causa padecem os povos grandes necessidades". Alguns anos depois, fez a mesma observação o cirurgião José Antônio Mendes, que trabalhou no Hospital do Contrato dos Diamantes do Tejuco, foi comissário do Cirurgião-Mor para a América e também escreveu seu tratado prático, mencionado acima.

Luís Gomes Ferreira considerou a prática como a base tanto para a medicina quanto para a cirurgia, apesar de reconhecer que haveria quem dele discordasse. Efetivamente, ele tinha razão. A arte da medicina exigia uma arguta observação, e a clínica fornecia a experiência essencial para que o médico e o cirurgião pudessem prognosticar com exatidão a doença e receitar o tratamento mais adequado. Ousado, chamava a atenção para a importância de não se ater apenas à tradição e às regras dos antigos e, sim, guiar-se pela experiência. Condenou aqueles que não davam importância "nem à razão natural, nem ao que estão vendo com os seus olhos. [...] Pois ainda que todas estas coisas pareçam incríveis, e contra a razão, a experiência mostra que todas são verdadeiras".

Assim que chegou às Minas Gerais, o cirurgião se deu conta de que os anos de aprendizado no Reino não eram suficientes para o desempenho da profissão, uma vez que as doenças nem sempre eram as mesmas e nem eram os mesmos os medicamentos de que também dispunha, com o que concordavam José Antônio Mendes e João Cardoso de Miranda. Os três estavam

particularmente interessados nas doenças que acometiam os escravos, pois estes eram seus principais clientes, enviados pelos seus senhores para se curarem dos diversos males que os afligiam, muitos deles associados às péssimas condições de alimentação e moradia.

Para os cirurgiões que clinicavam nas Minas, grande parte das mazelas dos cativos podia ser debitada à natureza da atividade mineratória aurífera ou diamantífera, que obrigava os escravos a passarem muitas horas dentro da água ou no subsolo, além dos muitos acidentes que ocorriam por causa de deslizamentos ou inundações. Luís Gomes Ferreira sustentava que o clima diferente e único da Capitania, frio e úmido, era a causa de quase todos os males. Já o cirurgião João Cardoso de Miranda, residente na Bahia, afligia-se particularmente com o escorbuto, que matava ou inutilizava grande parte dos escravos desembarcados em Salvador. Após a longa travessia marítima, só ali, morriam anualmente cerca de dois mil escravos.

João Cardoso de Miranda foi o descobridor de um primeiro medicamento para o tratamento do escorbuto. A receita de Miranda era composta de um chá de ervas frescas, acompanhado de uma dieta reforçada de alimentos também sempre frescos, como carne de galinha, alface, chicória, almeirão e beldroegas. Dessa forma, sem saber ao certo, fornecia aos doentes debilitados fisicamente a vitamina C, cuja ausência era a verdadeira causa do mal. A doença geralmente se manifestava nas longas viagens marítimas devido ao tipo de alimento fornecido a bordo, constituído basicamente de biscoitos. No caso dos escravos, a péssima alimentação em terra agravava os sintomas e muitos morriam rapidamente. Envolvido no tráfico negreiro, Cardoso de Miranda aliava seu interesse médico ao comercial. Apenas no ano de 1731, como escreveu ao rei, curara em Salvador mais de 500 escravos acometidos de escorbuto e ainda evitara que houvesse mortes associadas à doença.

Bons observadores da realidade que os cercavam, os três cirurgiões trataram de reunir o conhecimento necessário para diagnosticar corretamente as doenças, administrar os tratamentos adequados e, assim, realizar muitas curas. Sagazes, eles compreenderam que a especificidade das doenças da região exigia tratamentos diferentes dos que eles conheciam e, então, incorporaram à farmacopéia do Reino as ervas e produtos locais, vários já conhecidos e usados pelos moradores da região.

Teoria e prática

Luís Gomes Ferreira escreveu sobre as especificidades do clima, dos moradores, das doenças e dos tratamentos ministrados, aos quais incorporou diversas ervas locais. Contrariando as ordens, e aproveitando-se dos dilatados sertões onde exercia suas curas, o cirurgião-barbeiro receitava e ministrava medicamentos e possuía uma botica própria. Certa vez, ele queixou-se que, a um doente, "não lhe apliquei outro [remédio] algum por não ter, [...] por ir a minha botica adiante". Para que Gomes Ferreira desenvolvesse uma metodologia de cura toda própria, foi fundamental a amizade que estabeleceu, pouco depois de sua chegada, com um húngaro, que era cirurgião, herbolário, químico e farmacêutico. Este João da Rosa ministrou-lhe os primeiros ensinamentos sobre as características especiais das doenças que acometiam os moradores da região e a necessidade de se buscarem ervas locais para o seu tratamento.

Outra importante referência para ele foram os livros de João Curvo Semedo (1635-1719), médico da família real portuguesa e importante divulgador da flora americana como panacéia médica. Seus livros tiveram grande repercussão no mundo luso-brasileiro do século XVIII, constituindo-se em manuais populares de medicina, propiciando ainda ampla circulação das infor-

mações sobre as ervas brasileiras na matéria médica em Portugal e sua incorporação à literatura erudita. Em 1695, Curvo Semedo publicou a *Poliantéia Medicinal*, seguida da *Atalaia da vida contra as hostilidades da morte*, de 1720, e do *Memorial de vários simplices*. Seus tratados faziam parte da biblioteca de Gomes Ferreira e de Mendes e Miranda, que ministravam a seus pacientes várias de suas receitas. Também seus tratamentos se baseavam nos segredos curvianos, tais como medicamentos compostos de diversos produtos simples, classificados como bezoárticos¹, antídotos ou águas, encontrados no Brasil ou vindos das Índias, e apresentados na forma de preparados galênicos. É interessante notar que os livros de Curvo Semedo, que jamais estivera no Brasil ou na Índia, tornaram-se um grande referencial para a prática da medicina e para o receituário de medicamentos no além-mar. Esse movimento revela como o conhecimento prático adquirido no Brasil estruturava-se em conhecimento erudito entre os intelectuais portugueses e, a partir da circulação de livros impressos, num efeito bumerangue, passava a nortear os tratamentos ministrados pelos práticos na América portuguesa, os primeiros a utilizar e descrever as próprias ervas.

Nessa perspectiva, o olhar se desloca e a América se posiciona como centro do qual idéias novas se irradiavam. As caravelas, que cortavam incessantemente os oceanos, tornavam-se caravelas de cultura, não só porque eram portadoras de homens e objetos que reproduziam, na terra dos papagaios, os valores e a cultura europeia, mas porque, no trajeto de volta, levavam uma nova percepção do mundo, que imprimia suas marcas na própria cultura do colonizador. Os sábios europeus, por sua vez, procuravam inserir esses novos conhecimentos em um sistema cognitivo cujos fundamentos se assentavam, cada vez mais, em um método científico baseado simultaneamente na empiria e na racionalidade. A aceitação dessa perspectiva de análise exige também a revisão das noções de centrali-

dade e periferia no interior do próprio império português e entre a Europa e a América.

Os três cirurgiões – Luís Gomes Ferreira, José Antônio Mendes e João Cardoso de Miranda – atreveram-se a receitar, em seus livros, a ingestão de vários medicamentos, apesar de saberem que isso era prerrogativa dos médicos, e a descreverem suas fórmulas e métodos de fabricação, conscientes de que tal era privilégio dos boticários. Desculpavam-se dizendo que, no Brasil, e nas Minas em particular, tais práticas geralmente eram realizadas por barbeiros, sem nenhuma formação, e que ao menos os cirurgiões, como eles, eram mais bem preparados. Foi a crônica falta de médicos na Colônia que os levou a redigirem seus livros, voltados primeiramente não para os eruditos, mas para os habitantes da região, pois "há lugares tão limitados e pobres que neles não há médicos, nem ainda cirurgiões, só sim um simples barbeiro, que intrépida e atrevidamente se mete a curar [...]. Estas as justas razões que me obrigam a fazer esta tosca obra [...] para que possam os curiosos da dispersa América, mais livres de susto, remediar os seus escravos e domésticos de suas casas".

Eles também procuravam se diferenciar da massa de práticos que circulavam pelo Brasil e buscavam angariar fama de bons curadores. Nesse aspecto, ao publicarem os livros, nos quais contavam seus segredos, aproximavam-se mais do universo dos médicos do que do dos cirurgiões. Detentores de um conhecimento empírico, o segredo era estratégia vital desses homens práticos. Vezes sem conta, Gomes Ferreira se valeu do conhecimento que adquiriu das ervas locais e, enquanto atuou nas Minas, manteve secretas várias de suas fórmulas, graças às quais, dizia ele, "sempre tive grande conceito". Seguiu o padrão de seus colegas de profissão, pois foi devido ao segredo de seus medicamentos que Manoel Lopes Caramelleiro, boticário do Rei Dom Afonso, conquistara a "amizade" dos poderosos.



Ex-voto a Santa Rita. Rio de Janeiro, s/ data, pintura sobre madeira, 17 x 20cm. Coleção Márcia de Moura Castro.

"Botica da natureza"

Sérgio Buarque de Holanda afirmou que o conhecimento de quase todos esses produtos foi transmitido pelos índios aos bandeirantes de São Paulo, responsáveis pelo desbravamento do interior do Brasil. Com os índios, primeiramente os jesuítas e depois os paulistas aprenderam a reconhecer e a utilizar o farto arsenal de ervas, animais e minerais de que a natureza americana dispunha, o que o autor denominou de uma "botica da

natureza", uma farmacopéia rústica que compunha os "remédios de paulistas".

Gomes Ferreira citou um pó, conhecido em Minas Gerais como *Para tudo*, feito da casca grossa de uma árvore, como tendo sido introduzido na região por um paulista sertanejo (tratava-se do ipê). Também afirmou que os paulistas haviam aprendido com os índios o uso da aguardente para a cura dos resfriados, método inventado "pelos carijós do mato, e deles passou aos

paulistas e destes a nós". Mencionou que veio deles também a tradição de incorporar nos tratamentos raízes locais, como a butua e a pacacoanha. Outros medicamentos ele incorporou por "ouvir dizer" que eram usados na região com sucesso, sem saber com precisão a origem de tal costume. Estão nesse caso a embaúba, para o tratamento das quebras; a amendoada, a que nas Minas chamavam *pevitada*; o cipó conhecido como poaia; o sapé ou a árvore caraíva.

Ferreira sugeria em uma de suas receitas que as maçãs verdes, não encontradas na América, poderiam ser substituídas por jenipapos verdes. Também exaltou as virtudes da erva-do-bicho, ou cataia, da raiz-de-mil homens, da poaia ou poalha, da erva orelha-de-onça e da jalapa, ou batata de purga, também conhecida como *purga dos paulistas*. José Cardoso de Miranda, como seu colega Gomes Ferreira, receitava o chá de picão, "muito conhecido nas Minas" e a erva-de-santa-maria, usada como vermífugo. Uma lista das "ervas medicinais, dos cipós e das árvores e paus mais usuais no país das Minas" incluía, entre inúmeras outras, a suçuaia, remédio para defluxões e febres malignas; a erva-do-bicho para diarreia; a crista-de-galo e o grelo de juqueri para as feridas da garganta; a jacucanga para feridas; a pariparoba para desfazer o sangue pisado. Por essas observações, percebe-se que um conhecimento empírico das ervas locais foi se constituindo com base na experiência cotidiana desses homens que percorriam a região exercendo suas práticas curativas.

A arte da medicina na Colônia também requeria um profundo conhecimento do cotidiano dos moradores locais, pois os laços comunitários característicos de seu modo de viver se refletiam claramente na profilaxia das doenças. O corpo doente forjava laços de sociabilidade causados não apenas por compaixão ou parentesco. Assim, compor os ingredientes constantes nas fórmulas dos remédios exigia do médico um profundo

conhecimento do interior das casas e da vida alheia. Em suas receitas, Gomes Ferreira acrescentava sapatos velhos, enxofre de verrugas, água de cisterna, óleo humano, fezes de cavalos ou de meninos sadios, legumes de hortas, entre outros componentes. José Antônio Mendes receitava leite de peito, pão alvo já mofado, pó de ferrugem de chaminé, leite de égua, pombo gordo, limalha de ferreiro – ingredientes que precisavam ser emprestados, pedidos e barganhados entre a comunidade.

No Brasil, Luís Gomes Ferreira, João Cardoso de Miranda e José Antônio Mendes deram prosseguimento ao que poderia ser chamado de uma *Medicina tropical*, pois se preocupavam em conhecer a especificidade das doenças e dos tratamentos locais. Mas na ciência médica erudita da época, seus livros, em geral, não alcançaram grande repercussão e seus nomes ficaram quase esquecidos. Suas obras reuniam, preferencialmente, conselhos práticos pertinentes a uma medicina caseira, baseados na doutrina galênica. É importante ressaltar que, sob vários aspectos, eles foram precursores em suas épocas: Luís Gomes Ferreira insurgia-se contra o uso indiscriminado das sangrias, então o principal método terapêutico; João Cardoso de Miranda não só descobriu a cura do escorbuto como já defendia o valor curativo das águas medicinais; José Antônio Mendes observou que grande parte das doenças não era causada por conjunções de astros ou pelos humores, mas sim pelas condições de vida e de alimentação.

Outro fato a se destacar é a ênfase na experiência e na observação como fio condutor do saber desses homens. Dessa forma, tentaram eles incorporar ao receituário as plantas, os animais, os produtos e as terapêuticas da terra, acentuando o primado da empiria, da experiência e da prática, em oposição ao academicismo, como forma primordial de acesso ao conhecimento.

PRODIGIOSA LAGOA

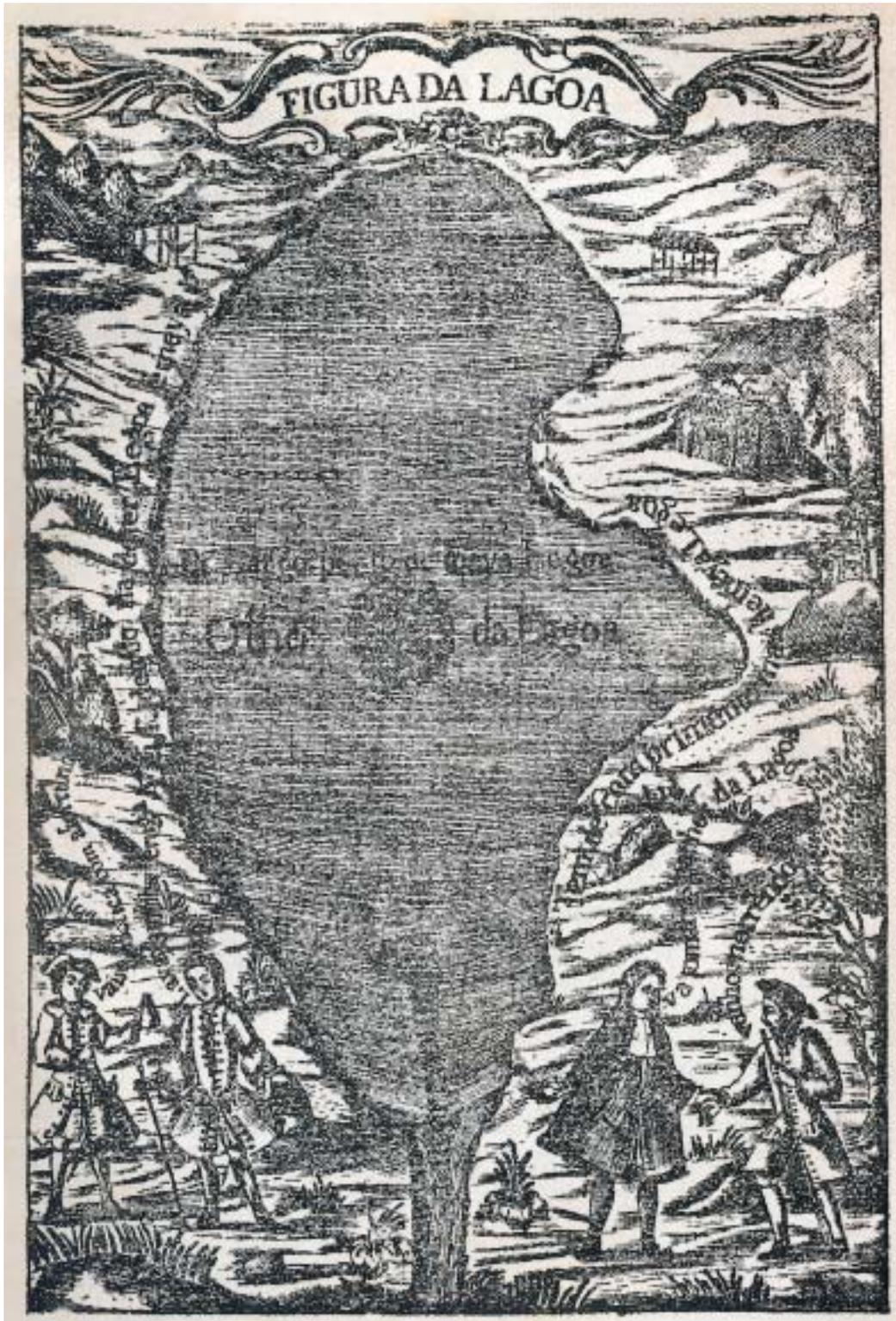
DESCUBERTA NAS CONGONHAS
das Minas do Sabará, que tem curado
a varias pessoas dos achaques, que
nesta Relação se expõem.



LISBOA,
Na Officina de Miguel Manescal da Costa,
Impressor do Santo Officio.

ANNO M DCC. XLIX.

Com todas as licenças necessarias.



"Figura da Lagoa", gravura do folheto *Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará que tem curado a várias pessoas dos achaques que nesta relação se expõem*, de João Cardoso de Miranda. Lisboa: Oficina de Miguel Menescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1769 in LIMA JR, Augusto de. *Noticias Históricas de Norte e Sul*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal S. A., 1953.

Seus tratados de medicina revelam maior riqueza no caleidoscópio de leituras que seu conteúdo nos abre, fornecendo ricas informações sobre as doenças, suas práticas curativas, a farmacopéia disponível e a classificação dos elementos da natureza, e também sobre os costumes e outras características do Brasil e da região das Minas Gerais, em particular, na época em que viveram. Abordam um leque de temas que abarcam desde o dia-a-dia dos escravos, o tráfico negreiro, o sistema de mineração aurífera e diamantífera até as crenças, a alimentação, a vida familiar da época, entre inúmeros outros. A fama, que esses cirurgiões-barbeiros tanto buscaram alcançar em vida, concretizou-se no inestimável legado que deixaram sob a forma de livros, frutos de sua arguta capacidade de observar o mundo que os cercava.

A cura mágica

No século XVIII, o conhecimento médico estava impregnado de práticas e crenças religiosas e mágicas. O tempo de Deus era o tempo da eternidade e transcendia, em muito, a vida terrena, e a dominava. Por isso, José Antônio Mendes aconselhava os médicos a assim agirem, antes de prestar qualquer outra assistência: "Deveis logo mandar confessar e sacramentar o enfermo, [...] comungar, buscando a Deus como Pai e Mestre de todo o criado, que este mesmo há de vencer melhor a tal queixa". Os remédios deviam ser aplicados com fé, porquanto muitas das doenças eram apenas originadas de feitiços e da descrença, como também o tempo da cura pertencia a Deus e dependia da Sua boa vontade. Muitas vezes, o tratamento devia ser ministrado durante uma Ave Maria. Essa prática não só uniformizava e universalizava o tempo do tratamento, como elevava a mente do doente e do médico aos céus.

Também se acreditava na capacidade mágica de os diversos elementos transmitirem suas virtudes uns aos

outros. Frequentemente bastava que alguns objetos fossem usados pelo paciente para que a cura fosse alcançada. Luís Gomes Ferreira sugere o uso da pedra de bezoar ou do dente de cão para dor de ouvido, e José Antônio Mendes recomenda aos doentes de escrófulas que usem no pescoço "a raiz de urgebão (sic), que tem antipatia com as tais queixas e as sara". Já o cirurgião José Antônio Mendes descreveu uma massa com a qual fizera, nas Minas, milagres.

Na América portuguesa, a prática de portar amuletos mágicos descende tanto de uma matriz católica quanto de uma africana. As jóias e peças de ouro e prata não eram apenas símbolos exteriores de riqueza, ostentados nos colos, cinturas e cabelos das mulheres, mas também indícios das crenças da época. Era costume que as negras enrolassem diversas correntes de ouro no pescoço e nos quadris, nas quais dependuravam contas de ouro, pedras e balangandãs. Comuns eram os laços com brilhantes, cordões de ouro, brincos de pedras, imagens de santos e pequenos oratórios de ouro. A pedra de ara, ou pedra de altar, também aparece recorrentemente como amuleto.

No arraial do Tejuco, a forra Bernardina Maria da Conceição, parda, listou entre seus pertences uma imagem de ouro de Nossa Senhora da Conceição enfiada em dois cordões de ouro. A negra Josefa Costa da Visitação possuía um cordão, umas contas e também uma Conceição, tudo em ouro. Além das jóias de ouro e diamantes, muitas mulheres forras e escravas possuíam objetos de coral e outras pedras consideradas, na tradição africana, como amuletos e patuás. A mesma Bernardina Maria da Conceição possuía uma bola de âmbar e 13 contas de coral² enfiadas, alternadamente, com contas de ouro, como era costume entre os africanos, e Antônia de Oliveira Silva tinha dois anéis com pedra itatiaia.

A água, por exemplo, era causa de várias doenças, mas também podia significar a cura, como está exposto no

texto de João Cardoso de Miranda, *Prodigiosa Lagoa descoberta nas congonghas das minas do Sabará* (1749), que apregoava as virtudes da lagoa de Sabará. Não se pode esquecer a crença na água bastimal, na água benta e no maná como catalisadores e capazes de potencializar as virtudes terapêuticas e curativas da água. Esta era considerada elemento de forte poder medicinal. Parte fundamental dos corpos humanos, era usada como salutar para todas as suas partes. Porém, devia-se tomar cuidado com a degeneração e a contaminação da água na natureza, que a faziam corruptora da saúde. Os boticários utilizavam a água como diluente de vários elementos que, assim, recebiam denominações diversas: "Águas de Cheiro para o olfato; Águas de Açucena, de clara de ovo e mel para tirar as nódoas e rugas do rosto; para o cérebro, Águas Cefálicas, como as de arlequim, mangerona e sálvia; para o fígado, Águas Hepáticas, como as de chicória, beldroegas e rosas brancas".

Um homem pragmático

João Cardoso de Miranda era português, natural de Filgueiras, freguesia de São Martinho de Cambres. Formou-se em cirurgia no Reino, tendo sido aprendiz de João Pinto de Andrade. Em 1719, viajou para Espanha e França, onde aperfeiçoou seus conhecimentos. Por volta de 1726, estabeleceu-se na Bahia e de lá, em 1731, enviou um pedido a Portugal para que lhe fosse autorizada a publicação de seu texto sobre o escorbuto e sobre a forma de tratamento específico para a doença, que ele mesmo estabelecera. Por essa época já estava quase cego, o que lhe dificultou a prática da medicina e, por isso, desde cedo envolveu-se em atividades comerciais, como o tráfico de escravos e o comércio de gêneros com a Costa da Mina.

Foi a doença dos olhos que o levou às Minas Gerais, em 1749, em busca de tratamento em uma lagoa

cujas águas milagrosas estavam ficando famosas. Sentindo-se muito melhor depois dos banhos, resolveu redigir um livro sobre as águas prodigiosas da Lagoa Santa, conforme ficou conhecido o lugar. Estabelecido nas proximidades, no arraial de Sabará, escreveu um pequeno texto em que reuniu 107 casos, sem contar o seu, de curas comprovadas dos mais diversos males. Mas não ficou muito tempo na Capitania e logo voltou à Bahia. Se a doença dos olhos dificultou-lhe a prática cotidiana da medicina, a publicação de seus dois textos sobre o tema permitiu-lhe a reaproximação com o ofício em que fora formado.

Num mundo regido e governado por Deus, Este podia atribuir aos elementos da terra capacidades curativas. João Cardoso de Miranda, porém, não se contentou com a explicação mágica e religiosa. Seu texto relata também os estudos realizados no local pelo médico italiano Antônio Cialli para embasar suas afirmações sobre as virtudes terapêuticas da água da lagoa: "Depois de haver feito o mesmo doutor as experiências químicas que manda a Arte, e recomendam os autores, assentou que aquelas águas continham em si os dois mais utilíssimos minerais que costumam impregnar as águas, como eram o vitriolo e o aço". Mas apesar da explicação natural para o fenômeno, João Cardoso de Miranda fez questão de anotar que os fiéis que logo se juntaram, cerca de três mil pessoas, em busca dos banhos milagrosos trataram de edificar uma capela, consagrada a Nossa Senhora da Saúde, sob os olhares atentos do bispo e dos padres locais.

Outro elemento mágico de valor curativo era o ouro, cujas propriedades o aproximavam da idéia de *quintaessência* dos alquimistas³. Luís Gomes Ferreira o receitava como panacéia médica para vários tipos de doença, e dedicou um capítulo inteiro do *Erário Mineral* às suas virtudes terapêuticas. O ouro era recomendado por uma "medicina solar" que defendia ser ele o quinto

elemento, pois "do corpo mais perfeito, ou do corpo de perfeitas misturas, que resiste à corrupção, um remédio pode ser obtido, capaz de curar a corrupção de outros corpos". Gomes Ferreira não apenas atribuía virtudes mágicas ao ouro, como demonstrava empiricamente, pelo relato de inúmeros casos, sua capacidade curativa. Na época, até a Real Academia de Ciências de Paris dera sua aprovação a um elixir à base do metal, que vinha sendo comercializado na cidade, testado empiricamente por seus pares.

A crença nas práticas mágicas como elemento e importante condutor da cura aproximava o mundo português do africano e, muitas vezes, despertava a intolerância das autoridades, principalmente eclesiásticas. Mas a perseguição às feitiçeras e aos curandeiros, muitos deles escravos ou escravas de origem africana, revela que, a despeito dessa intolerância, a população recorria sistematicamente aos seus métodos de cura.

Como exemplo, o mercador Pedro Nunes de Miranda vendeu ao brigadeiro Silvestre Marques da Cunha quatro escravos curandeiros que, por isso, foram bem valorizados no mercado, valendo todos três mil cruzados. Matheus Monjolo, "público curador e adivinhador", recebia de seu senhor, Antônio Gomes da Cruz, pagamento (jornais) para rodar os arraiais e vilas próximos a Piedade, freguesia de Itaverava, atendendo à clientela e realizando curas e adivinhações. Já Manoel Nunes Vianna, conhecido por ter se tornado líder na Guerra dos Emboabas, ostentava uma escolta de negros mandingueiros e fazia circular nas Minas que, além de ter o corpo fechado, não sujeito a ser atingido por balas, também era capaz de saber o que se passava no interior das casas.

Ilustrativo foi o caso de Ignácio Mina, que vivia de fazer curas sem ser médico ou cirurgião. Morava no distrito de Antônio Dias, no arraial de Vila Rica, e foi denunciado à mesa da Devassa Eclesiástica no arraial, em

1769, sendo seu caso reportado por sete denunciantes. A maioria dos que o procuravam acreditava que as suas doenças eram originadas também de feitiços. Ignácio, mestre na arte dos contrafeitiços, fazia suas curas com ervas, remédios purgantes e pós que escondia em casa. Interessante notar que as práticas curativas que os denunciantes atribuíram a Ignácio não se baseavam em rezas ou mandingas, mas a um conhecimento arguto do valor curativo das plantas, aproximando sua prática muito mais da dos médicos e cirurgiões portugueses do que da dos feitiçeiros.

O temor a esses curandeiros por vezes advinha do fato de que eram muito tênues as distâncias entre o poder de curar e o de causar doenças, e mesmo a morte. Assim, no Distrito Diamantino, no século XVIII, quatro escravos foram acusados nas Devassas Eclesiásticas de crime de feitiçaria, o que também revela as múltiplas tensões que se estabeleciam entre proprietários e cativos, vizinhos ou inimigos. Nos casos em questão, os escravos foram acusados de provocar doenças, de causar a morte de outrem com pós e feitiços e mesmo de curar das doenças por eles mesmos infligidas. Um deles, Pedro, escravo de Gonçalo Francisco Silva, foi acusado de fazer feitiçarias enterando uma panela que continha "uns dedos de negro, um pedaço de uma caveira e uns pós, que provocaram a morte de vários escravos e escravas, com estes pós provocavam doenças e também curavam a quem tinha infligido tais dons".

Na mesma localidade, uma tal Joana, escrava de uma certa dona Maria de Cavalgante, juntou-se a Antônio Mina, ourives e escravo do capitão João Teixeira da Silva, para fazer feitiços que, segundo testemunhas, provocaram a morte de seu proprietário e de vários escravos. Utilizaram-se, para isso, de uma panela, que enterraram, contendo umas caveiras, umas raízes, pós e folhas. A rua, nos núcleos urbanos mineiros da época, era o lócus da ação dessas mulheres, e também

o lugar para onde se escoavam as tensões do mundo escravista em que viviam, e que se refletiam, muitas vezes, em comportamentos bem pouco ortodoxos.

Botica mineira

Durante muito tempo, a maioria dos medicamentos que circulavam nas Minas Gerais vinha diretamente de Portugal. Apesar de todas as dificuldades de transporte, são várias as menções a débitos contraídos na importação de boticas vindas do Reino, ou documentos que atestam o rol dos medicamentos importados. Assim, fica-se sabendo que o boticário Francisco Marcos de Almeida, residente em Vila Rica, teve que pedir dinheiro emprestado para pagar os medicamentos que viriam na próxima frota.

A distância das Minas interpunha vários atravessadores, mas mesmo assim grande quantidade de medicamentos chegava de Portugal nas frotas, aguardava a liberação na alfândega do Rio de Janeiro ou Bahia e era transportada em lombo de burro para a Capitania a partir dos dois portos litorâneos. Esse processo era longo e demorado e as condições de transporte punham em risco a qualidade dos remédios.

O comerciante português Francisco da Cruz trouxe consigo do Reino, entre outras mercadorias, 830 frascos de angélica, bebida medicinal preparada à base de uma planta do mesmo nome, misturada com vinho e aguardente. Como ele preferiu permanecer um pouco no Rio de Janeiro para refazer-se da viagem marítima e preparar-se para a segunda etapa da jornada até as Minas, decidiu enviar a mercadoria por um portador. Os vidros de angélica estavam tampados com rolhas, que foram comidas parcialmente pelos ratos nos armazéns da alfândega do Rio, o que



evidencia as péssimas condições em que esses produtos ficavam estocados, ocasionando perdas e prejuízos. O carregador alegou no retorno que "com o andar dos cavalos [as garrafas] se esvaziaram", motivo pelo qual, quando os vidros chegaram ao destino, estavam total



Ex-voto de Maria Joaquina de Menezes a Sant' Ana Mestreira. Minas Gerais, século XVIII, têmpera sobre madeira, 15x20cm. Coleção Márcia de Moura Castro.

ou parcialmente vazios, o que impediu que a mercadoria fosse vendida. Francisco da Cruz afirmou que, como o "sujeito que a conduziu, não se pode desconfiar dele", o mais certo era acreditar em sua história, pois o caminho para as Minas era "longo e diabólico".

Até essa época, vigoravam o preconceito e a desconfiança em relação aos produtos oriundos do Brasil, fazendo com que os boticários e os consumidores dessem preferência aos produtos do Reino. A aguardente, por exemplo, era frequentemente utilizada nas receitas, seja como medicamento, seja como desinfetante. Apesar disso, não raro, advertia-se que os boticários usassem em suas receitas apenas a "aguardente do reino", pois a da terra, "a que chamam cachaça, que é destilada de melação e borra do açúcar, que se faz nos engenhos, que só o cheiro faz vômitos a qualquer pessoa". Mas ao longo do século XVIII, observa-se na literatura médica uma generalização do uso de medicamentos nativos do Brasil, cujas virtudes vinham sendo propugnadas desde o início da colonização.

Aos poucos, os boticários e cirurgiões, principalmente nas Minas, passaram a incorporar às suas receitas as ervas locais. Luís Gomes Ferreira, autor do livro *Erário Mineral*, advertia que as "ervas, raízes, coisas minerais e de animais, que há nas partes do Brasil e seus sertões" serviam "de muito préstimo à saúde pública" e que as boticas locais deviam desenvolver medicamentos que as incorporassem. Passa a existir um vivo interesse, principalmente por parte desses práticos da medicina na Capitania, em descrever e conhecer mais a fundo a flora e a fauna locais para incorporá-las à matéria médica. No final do século, com a criação da Real Academia de Ciências de Lisboa, em 1790, os naturalistas que viajavam pelo Brasil tomaram a si essa tarefa, utilizando métodos mais precisos e, em geral, empregando a sistemática de Lineu para a classificação dos espécimes. Entre eles destacou-se Alexandre Rodrigues Ferreira, autor da *Viagem Filosófica*.

O inventário do boticário Vicente Leal da Silva é elucidativo no sentido de informar os tipos de utensílios usados na preparação e comercialização dos medica-

mentos. Assim, entre seus pertences, constavam os vidros, frascos e panelas necessários à botica. No de Francisco Marcos de Almeida, havia um extenso rol de instrumentos necessários à preparação, manipulação e armazenamento de drogas: "vasos grandes da terra e do Reino; vasos pequenos e outros muito pequeninos; folhas de flandres; frascos; garrafas, algumas em cristal; vidrinhos de frontispício; bules; jarros e frascos da Índia; panelas de terra; espátulas de ferro e de latão; medidas de quartilho; almofariz; grau de marfim; um alambique de cobre; três balanças e tachos de cobre". Além disso, também constam os livros necessários à função, como um em castelhano, de cirurgia, e outro intitulado *Luz de Medicina*. A botica portátil de Alexandre Rodrigues Ferreira ia acompanhada de ataduras para sangria, ventosas, lancetas, sarjadores⁴, borrachas de couro para os clisteres⁵, pilão de madeira para socar e peneira de seda para a quina.

Mesinhas, purgas e sangrias

Vários são os documentos que nos permitem conhecer os tipos de medicamentos comercializados em Minas no século XVIII e, até mesmo, a forma como eram empregados nos tratamentos. A purga e a sangria eram métodos importantes da terapêutica, pois a evacuação do sangue e das fezes permitia o restabelecimento dos humores desequilibrados pela doença. Por isso, os medicamentos para esses fins dominam as boticas da época. Os da botica de Alexandre Rodrigues Ferreira foram divididos em 14 categorias: estomáticos e febrífugos – bons para o estômago e que afugentam as febres; eméticos – que causam vômito e reequilibram os humores; purgantes – que provocam a purga ou evacuação de fezes; minorativos – que minoram os humores com evacuação; asperientes – que têm virtude de tirar as obstruções e opilações do corpo; refrigerantes e adoçantes; absorventes – que absorvem as umidades supérfluas do corpo; calmantes ou consoli-

dantes – que fecham as feridas; antídotos; espirituosos – que fazem espirrar os humores pelo nariz; além dos unguentos e dos corretivos da podridão.

Assim, a quina e a canela ou o sal de losna eram empregados na doença dos estômagos; a ipecacuanha era fartamente utilizada como emético e a jalapa, o ruibarbo e os calomelanos, à base de mercúrio, eram receitados como purgantes e vermífugos. A polpa de tamarindo e o maná – que era o orvalho colhido antes do levantar do sol, numa referência ao alimento milagroso que saciou o povo de Israel – serviam como minorativos; o láudano, como calmante, e o bálsamo, como consolidante. As triagas eram os tradicionais antídotos e, muitas vezes, observa-se o emprego da *Triaga Magna*, ou *de Veneza*, em lugar da basilica, feita a partir dos produtos da terra. Os olhos de caranguejo eram consolidantes, já que compostos principalmente de carbonato de cálcio, e as *Águas da Rainha Hungria*, à base de alecrim, usadas nos desmaios, nos flatos histéricos ou nos hipocondríacos. A *Água da Inglaterra* e a aguardente de uva aparecem como espirituosos. Este era um medicamento criado e comercializado pelo médico português, cristão-novo, radicado em Londres, Jacob de Castro Sarmiento, feito à base de quina e que era fartamente empregado nas boticas coloniais. O basilicão era usado como unguento; e o sal e a pimenta, como corretivos da podridão.

O barbatimão, também chamado "casca do Brasil, [pois] é a única parte desta árvore que se faz uso na medicina", também foi divulgado por Jacob de Castro Sarmiento, e seu uso foi introduzido, inclusive, em hospitais da Inglaterra. Esse médico teve notícias de que as prostitutas no Brasil empregavam o medicamento "para reparar a relaxação dos órgãos genitais, e [...] presumiu que a casca do barbatimão podia ser muito útil em algumas enfermidades, [...] comunicou aos médicos dos hospitais de Londres as virtudes desse novo remédio e, dando-lhes uma porção dele, lhes

pediu que o experimentassem também nos seus hospitais. Os sucessos que obtiveram foram igualmente felizes e acreditaram tanto na casca do barbatimão que os mesmos médicos a compraram depois ao Dr. Sarmento".

No inventário de Francisco Marcos de Almeida, proprietário de uma botica no distrito de Antônio Dias, em Vila Rica, foram arrolados criteriosamente todos os medicamentos que estavam em sua loja, dentre eles unguentos, flores de papoula, raiz de barbana, pó de sândalos, tamarindos, alfazema, pedra medicamentosa, pedra-ume, coral, óleo de cura tosse, sal amoníaco, ventuxa forte, dentes de javali e panacéia mercurial. Mathias Castro Porto, grande comerciante em Sabará e proprietário de vários estabelecimentos na localidade, possuía, em uma de suas lojas, frascos de lombrigueiro. José Rodrigues devia a João Henriques, ambos boticários, por umas pedras que o último lhe vendera.

Exotismos

Parte integrante das boticas da época eram os produtos vindos da África ou do Oriente, como coral rubro que, dissolvido em líquido aquoso, era indicado para diminuir a acidez do sangue. Também aparecem pimenta da Índia, benjoim, mirra, tâmara, canela, almíscar, sândalos, gengibre ou noz moscada. O uso desses produtos como panacéia médica era divulgado desde a Antigüidade e a expansão marítima dos portugueses generalizou e disseminou sua aplicação. Na botica de Alexandre Ferreira aparece o chamado *Bálsamo Católico*, constituído principalmente de produtos do oriente destilados em vinho. Sobre esse bálsamo diziam-se maravilhas e se lhe atribuíam "infinitas virtudes" como a cicatrização de feridas por bala. Ele era usado ainda como analgésico em dores de dente; para impedir o aparecimento de pus nas feridas abertas pela varíola, sendo bom também para os olhos e as hemor-

róidas e empregado em doenças internas do estômago. As flores de benjoim eram usadas como antídoto contra a gangrena; a calamita, considerada balsâmica e estimulante, era transportada em canudos de cana para não perder o perfume. Também mirra, incenso, almíscar oriental, dentre outros produtos, aparecem frequentemente nas boticas mineiras.

Os remédios chamados bezoárticos, isto é, feitos a partir da pedra de bezoar – um tipo de pedra que cresce no bucho de animais –, também eram empregados desde a Antigüidade e possuíam inúmeras virtudes. Em Minas, usava-se, entre outros bezoárticos, o âmbar gris, que se formava no intestino de cachalotes; a pedra de porco-espinho, "considerada o mais eficaz dos bezoares do Oriente e indicada nos casos de vômitos, fraqueza de estômago, aflições do coração, afetos uterinos das mulheres, 'paixões dos rins', retenção de urina e febres malignas. No Brasil, essa preciosidade era fornecida pelos porcos-do-mato". As pedras encontradas na cabeça do jacaré eram utilizadas no combate à febre; a pedra lipes servia "para consumir as carnes supérfluas das chagas e para curar as da boca"; a pedra-ume suspendia as diarreias após a evacuação dos humores.

A botica do capitão Antônio de Matos Pereira, instalada em uma morada de casas com sua alcova em Guarapiranga, termo de Mariana, era de grande porte e bem provida de medicamentos, tanto importados quanto da terra. A relação dos remédios que constavam em sua botica soma 391 itens e é espelho da parafernália medicamentosa que os boticários comercializavam nas Minas Gerais, empregando-as nos mais diferentes tratamentos. Já a botica de Francisco Marcos de Almeida comportava 324 itens, em muito semelhantes aos do capitão Matos Pereira.

Grande parte dos medicamentos tinha origem no reino animal. O sal de víbora era produzido da destilação das cobras previamente secas e indicado no tratamento de

bexigas, paralisia, apoplexia, consideradas doenças de quenturas malignas. Também se empregavam partes dos animais que, ingeridas ou em contato com o doente, promoviam a cura. O marfim era usado como refrigerante e adstringente em qualquer fluxo de sangue, bem como para expulsar as lombrigas e para impedir a coagulação do leite no estômago. Empregavam-se os olhos de caranguejo nos problemas estomacais, de rins e bexiga, e os cornos dos sapos nambicoaras para purificar a água. As unhas da preguiça, do tamanduá ou da anta eram receitadas para os problemas do coração, e a banha de vários animais, como o quati, algumas cobras, o gambá e o tamanduá, vendida em garrafas, servia para a cura do reumatismo. No rio Amazonas, era voz corrente que a ingestão dos peixes "fazia algum efeito notável".

Era comum ainda o uso de excrementos animais ou humanos como medicamento, por serem considerados revitalizadores da matéria. O leite materno aparece em algumas receitas, como também o esterco, as fezes e a urina humanos ou de animais. Os emplastos e unguentos eram bastante utilizados nas doenças de pele. O *Emplasto de Saturno*, feito à base de mirra vermelha, era outro medicamento curativo comum nas boticas mineiras. Inventado por M. Goulart, professor de cirurgia do Colégio de Medicina na França e professor da Universidade de Montpellier, era usado no processo de cicatrização, evitando a gangrena, e para retirar verrugas, hemorróidas, sarna, frieiras e outras doenças da pele.

Medicina tropical

A atuação de cirurgiões-barbeiros e boticários em Minas Gerais, que incorporaram em suas receitas os elementos da natureza da Capitania nos medicamentos prescritos, foi mais um capítulo na configuração de uma medicina tropical de base empírica. Grande parte do uso desses elementos como panacéia curativa veio

do contato com índios e escravos, conhecimento em muitos casos intermediado pelos paulistas e em grande parte divulgado pelos manuais de medicina popular escritos na capitania ao longo do século XVIII. Esse conhecimento circulava continuamente entre a América e a Europa, e resultou na sua cristalização em bases eruditas por meio dos médicos e naturalistas na Europa.

Assim, ao mesmo tempo em que os livros produzidos nas Minas se tornavam referência no velho continente, o inverso também ocorria: dos livros europeus, os cirurgiões em Minas tiravam parte das receitas dos medicamentos prescritos, tornando difícil distinguir uma só origem para a formulação desse saber. Se, geralmente, os intelectuais europeus se aproveitavam das técnicas e das informações conseguidas com os nativos e intermediadas pelos boticários e cirurgiões-barbeiros, eles descartavam a moldura geral que enquadrava esse conhecimento, construindo, dessa maneira, um modelo de medicina estabelecido cada vez mais sobre as bases de uma ciência moderna.

Notas |

1. Bezoártricos: feitos a partir da pedra de bezoar, que é um tipo de pedra que cresce no bucho de animais.
2. "Entre as forras e os livres que faziam uso dos corais deve ter havido grandes diferenças no que se refere à apropriação do material, ao uso ritual dele e aos significados a ele atribuídos. Usá-lo em contas, à maneira dos africanos da Costa da Mina, ou em ramas, à moda dos amuletos europeus ou, ainda, transformá-lo em figas, que, não obstante serem generalizadamente consideradas objetos de origem africana, chegaram ao Brasil via Europa, foram opções pessoais e de grupos. Misturá-los a diferentes contas de várias tonalidades, usá-los junto a outros fios e cordões, foi escolha estética, mas foi, também, indicativo de práticas mágico-protetoras, de devoção, de vinculação religiosa, de guarda de tradições culturais, de autoridade e de poderes". (Cf. PAIVA, 2001).
3. Os alquimistas acreditavam na existência de um quinto elemento, para além dos quatro essenciais à vida: terra, fogo, água e ar. Esse elemento desafiaria as leis da corrupção e poderia ser usado para prolongar a vida.
4. Sarjador: espécie de lanceta para fazer incisão.
5. Clister: lavagem intestinal.

Referências bibliográficas

- ABREU, José Rodrigues. *Historiologia Médica, fundada e estabelecida nos princípios de George Ernesto Stahl*. Lisboa: Oficina de Antônio de Sousa da Silva, 1739.
- Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina (AEAD). *Livro de Óbitos do Tejuco*, 1752-1895.
- Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM). *Devassas Eclesiásticas*, 1753.
- Arquivo Histórico da Casa do Pilar (AHCP). Museu da Inconfidência (MI), Ouro Preto.
- Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte, Seção Colonial 11.
- BLUTEAU, Rafael. *Theriaga*. In: *Dicionário da língua portuguesa*, Lisboa: Oficina de Thadeo Ferreira, 1739. (Ampliado por Antônio de Moraes).
- CARNEIRO, Henrique. *Filtros, mezinhas e triacas: as drogas no mundo moderno*. São Paulo: Xamã, 1994.
- CARVALHO, Augusto da Silva. *A prodigiosa lagoa e seu autor*. In: MIRANDA, João Cardoso de. *Prodigiosa Lagoa descoberta nas congongas das minas do Sabará*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925. (Edição crítica organizada por Augusto da Silva Carvalho).
- FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.
- FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida e CAMPOS, Maria Verônica. (Org.) *Lembrança das ervas medicinais, dos cipós e das árvores e paus mais usuais no país das Minas*. In: *Códice Costa Matoso*, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FURTADO, Júnia Ferreira. (Org.). *Arte e segredo: o licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens*. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002. (Coleção Mineiriana).
- GOMES, Bernardino Antonio. *Observações botânico-médicas sobre algumas plantas do Brasil, escritas em latim, e portuguez e oferecidas a Academia Real das Sciencias*. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1803.
- GOODYEAR JR, James. *The Empirist: Garcia d'Orta. In: Agents of Empire, Portuguese doctors in colonial Brazil and the idea of tropical disease*. Baltimore: John Hopkins University, 1982. (Mimeo).
- GROSSI, Ramon Fernandes. *O caso de Ignácio mina: tensões sociais e práticas "mágicas" nas minas*. In: *Varia Historia*, Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A botica da natureza*. In: *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Hospital São José. *Testamentária de Francisco Pinheiro*. Lisboa, carta 150, maço 29.
- LIMA, Américo Pires de. *As boticas do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira*. Lisboa: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo (ANTT).
- MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- MENDES, José Antonio. *Governo de Mineiros, mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas...* Lisboa: Oficina de Antonio Roiz Galhardo, 1770.
- MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista*. São Paulo: Scritta, 1994.
- MIRANDA, João Cardoso de. *Relação cirurgica, e médica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbútica*. Lisboa, 1741.
- Museu do Ouro, Casa de Borba Gato. *Inventário e Testamento de Mathias Castro Porto*, Sabará.
- NAVA, Pedro. *Capítulos de História da Medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil Médico-Cirúrgico, 1948.
- NOVINSKY, Anita. *Inquirição, inventários de bens conquistados a cristãos-novos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1976.
- PAIVA, Eduardo França. *De Corpo Fechado: o gênero masculino, as milícias e as práticas mágicas nas Minas Gerais do início do século XVIII – trânsito cultural*. In: LIBBY, Douglas Colle e FURTADO, Júnia Ferreira. (Org.). *Trabalho livre, trabalho escravo – Brasil e Europa, séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Editora Annablume. Coleção Olhares. (No prelo).
- PAIVA, Eduardo. *Escravidão e universo cultural na Colônia - Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- STAHL, Georg E. *Philosophical principles of universal chemistry*. London: John Osborn, 1730.
- VENÂNCIO, Renato Pinto e CARNEIRO, Henrique. *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo/ Belo Horizonte: Alameda/Ed. PUC Minas, 2005.

A historiadora **Júnia Ferreira Furtado** é professora do Departamento de História da UFMG e autora, entre outros, de *Diálogos Oceânicos* (Editora UFMG) e *Chica da Silva e o contratador dos diamantes* (Companhia das Letras).